



(RE) PENSANDO A ABORDAGEM SOBRE O DESMATAMENTO NO ENSINO DE GEOGRAFIA NUMA PERSPECTIVA DE REFLEXÃO E APRENDIZAGEM EM ALTAMIRA- PA

Jéssica Ferreira de Castro

jessicacastrof27@gmail.com¹

Amanda Kelly Bezerra da Silva

maeamandakel@hotmail.com²

Resumo

Este artigo apresenta a utilização do júri simulado como uma experiência de prática pedagógica em sala de aula, realizada com os alunos do 6º ano do ensino fundamental na escola municipal Deodoro da Fonseca, no município de Altamira-PA. O principal objetivo deste trabalho é incluir todos os alunos na atividade-júri simulado-, para que haja uma interação entre os colegas de classe, e que busque desenvolver as habilidades que cada aluno tem, ampliando o conhecimento dos estudantes, aprendido em sala de aula, posições sobre determinados assuntos pertinentes á sociedade e desenvolver o senso crítico de cada um. A atividade foi desenvolvida através das aulas de geografia, partindo da problemática de que as aulas, na qual abordam o assunto sobre Desmatamento, geralmente são aulas tradicionais e que não trazem uma reflexão e senso crítico aos alunos. Sendo assim, esta prática pedagógica foi realizada por meio de palestras explicativas sobre as causas do desmatamento e ensaios nos espaços da escola. O artigo foi construído através de pesquisas realizadas na internet sobre o desmatamento, juntamente com o roteiro sobre o júri simulado e também contando com a interação de autores renomados que discorrem sobre a temática de aulas inovadoras. Desta forma, para realizar a atividade, usamos como referência a Lei Federal de crimes ambientais, Nº 9.605 de 12 DE FEVEREIRO de 1998, jornais, revistas e artigos científicos. Portanto, a realização do júri simulado obteve seus objetivos alcançados, pois o mesmo trouxe mais reflexões sobre os espaços de vivencia dos alunos e uma perspectiva sobre as aulas de geografia.

Palavras-chave: didática, senso crítico, desmatamento.

Introdução

¹ Graduação licenciatura plena em geografia. Universidade federal do Pará. Pibid

² Graduação licenciatura plena em geografia. Universidade federal do Pará. Pibid

Nesse artigo será relatado sobre as experiências do júri simulado que tem por objetivos: incluir todos os alunos na atividade para que haja uma interação entre os colegas de classe, e que busque desenvolver as habilidades que cada aluno tem, ampliando o conhecimento dos estudantes, aprendizado em sala de aula, posições sobre determinados assuntos pertinentes á sociedade e desenvolver o senso crítico de cada um, auxiliando os estudantes na compreensão das razões e consequências do desmatamento na sua região de vivência.

A atividade foi realizada na escola municipal Deodoro da Fonseca no município de Altamira-PA. O júri simulado teve participação e colaboração da professora e supervisora Do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação á Docência (PIBID³), e do professor técnico em agropecuária que realizou uma palestra na qual foi abordado como era Altamira na década de 70 até os dias atuais. Por meio de um jogo de perguntas e respostas, os alunos conseguiram tirar suas dúvidas sobre as mudanças que a cidade vem sofrendo, sendo uma das mais destacadas, o desmatamento.

Este trabalho envolve condições internas e externas, como disponibilização dos horários de aulas da professora para que houvesse os ensaios, compreensão dos pais em permitir que os alunos pudessem sair um pouco mais tarde, na qual nos colocamos a disposição de dias e horários para que fosse possível realizar os ensaios, utilização dos espaços da escola e o apoio da direção. Com isto, obtivemos o resultado esperado, através do júri simulado os alunos absorveram conhecimentos sobre as razões e consequências do desmatamento que está predominante na região.

Visto que a escola tem seus horários fixamente estabelecidos para as aulas, e ainda assim o tempo é escasso com o professor para criar aulas diferentes que atraia os olhares e atenção dos alunos para determinados conteúdos. O júri simulado foi uma forma didática e diferente para falar sobre o desmatamento fazendo a inclusão de alunos e professores. Nesta visão, concordamos com Cavalcanti, apoud, Libâneo (1998), no qual diz respeito sobre os métodos tradicionais usados pelo professor que decorrem de diversos fatores, como por exemplo: alta carga horária a ser cumprida e a superlotação de turmas.

Quem percorre os corredores de uma escola, o que pode ver em cada sala de aula é um professor frente aos alunos passando, de uma forma ou de outra, a

³ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.



matéria. Entretanto é preciso penetrar mais fundo nessa aparência para se descobrir sua complexidade (Cavalcanti, apud, Libâneo, 1998, p. 25).

O desflorestamento causado no próprio município dos alunos não é muito abordado na escola. A atividade os fez pensar e aprender sobre o assunto, além de fazê-los refletir sobre o grande empreendimento da Usina Hidrelétrica de Belo Monte que trouxe alguns progressos e também aumentou a desflorestação. Afetando principalmente terras indígenas do Pará, as duas mais afetadas são Kayapó com 5 km e Apyterewa com 1 km, encontradas na floresta nacional Famanxim.

O que é o Desmatamento?

Desmatamento é a área verde retirada de vegetações, florestas ou terrenos em que sua área é coberta por árvores e grandes florestas de preservação ambiental. A desmatção no Brasil teve início com a chegada dos primeiros povos colonizadores no século XVI, na qual foi o grande motivo do início do desmatamento no País.

A mata atlântica foi a primeira a ser desmatada, sendo que atualmente 8% dessa vegetação permanece intacta. Com isso, gera muitos impactos na biodiversidade, devastando e intensificando o efeito estufa. As duas principais causas da desarborização são: retirada da madeira ilegal e expansão do garimpo.

Em Altamira o desmatamento torna-se mais presente a cada ano, sendo que o mesmo está na 3ª posição dos municípios que mais desmata no Brasil. Este acontecimento é recorrente devido ao grande empreendimento (UHE⁴) que foi instalado como cede principal na meso região de Altamira. Visto que o mesmo trouxe um crescimento exponencial no desmatamento e também a invasão de terras indígenas na região do Xingu. O estado do Pará ocupa a 6ª posição no ranking que mais desmatam em nível de Brasil, e é responsável por 19% das áreas desmatadas na Amazônia legal (IMAZON, 2018). Os estados do Amazonas e Mato Grosso estão á frente em questão de maior índice.

Segundo o Instituto Socioambiental, em 2018 cerca de 150 milhões de árvores foram derrubadas no Xingu, o que equivale a aproximadamente, 100 mil campos de futebol. Ademais

⁴ Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

existe a presença de madeiras com valor comercial elevado, e que são exploradas de forma imprudente sem que haja sequer algum tipo de reflorestamento da área afetada.

Neste cenário, a terra indígena Kayapó é uma das principais áreas atingidas, por ser uma região que concentra ouro nos leitos dos rios, o que provoca a atração de garimpeiros. Para além disso, a seca diminui o nível do rio, o que facilita a passagem de máquinas para explorar o ouro presente na terra indígena. Tudo isso implica em estímulo ao desmatamento e as consequentes contaminações da água e do solo, bem como a profusão de vários tipos de doenças, e consequentemente todos esses acontecimentos traz grandes impactos na vida dos povos indígenas. Porém, mesmo diante das fiscalizações que ocorrem pontualmente, as mesmas não tem conseguido inibir a exploração ilegal da região praticada por garimpeiros.

A terra indígena Apyterewa é território tradicional do povo indígena de Parakanã, a força nacional esteve na região para a retirada de ocupantes não indígenas que ainda é presente na Ti⁵. Segundo o IMAZON, entre agosto e dezembro de 2018, a Ti perdeu o equivalente a 440 campos de futebol de florestas por mês, colocando-a no topo do ranking de Ti³ que mais desmatam na Amazônia. Sendo assim, Apyterewa sofre grandes invasões por madeireiros, garimpeiros e fazendeiros - mesmo com a Força Nacional presente na região, supostamente responsável pela proteção da mesma. Sendo que a região Apyterewa é uma das mais atingidas pelo empreendimento da UHE Belo Monte (Usina Hidrelétrica de Belo Monte).

Nas representações a seguir vamos observar a terra indígena Apyterewa (Imagem 01) e Kayapó (Imagem 02) nos anos de 2000 e 2016.

⁵ Terra indígena.

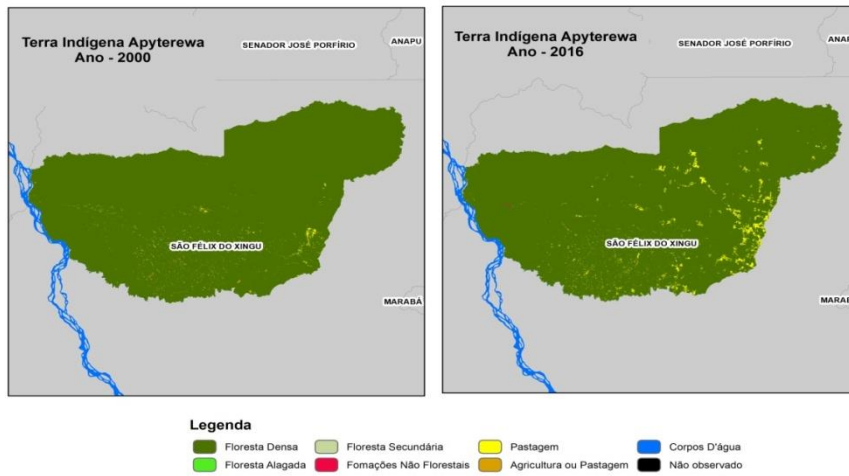


Imagem 01: Terra indígena Apyterewa

Fonte: MAPBIOMAS

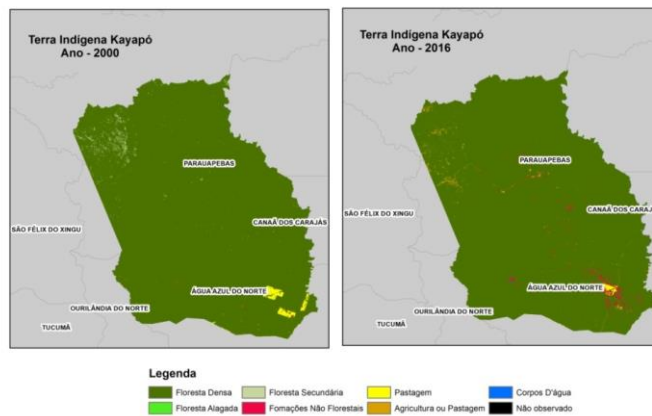


Imagem 02: Terra indígena Kayapó

Fonte: MAPBIOMAS

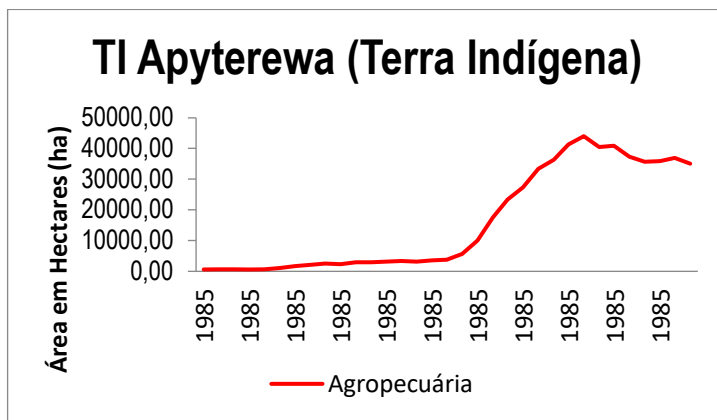


Gráfico 01: Terra indígena Apyterewa

Fonte: MAPBIOMAS

O gráfico 01 nos mostra o aumento da atividade agropecuária na terra indígena, na qual vemos que o desmatamento nessa terra vem aumentando desde 1985, o seu maior índice foi no ano de 2011 e os dados mostram que ainda é alto o número de devastação nessa área. Observando as representações previamente apresentadas (Imagens 01 e 02) podemos fazer uma comparação das terras indígenas desde o ano de 2000 á 2016 onde podemos concluir que a maior causa do desmatamento foi a pastagem, provocadas por agropecuários nessas duas áreas indígenas.

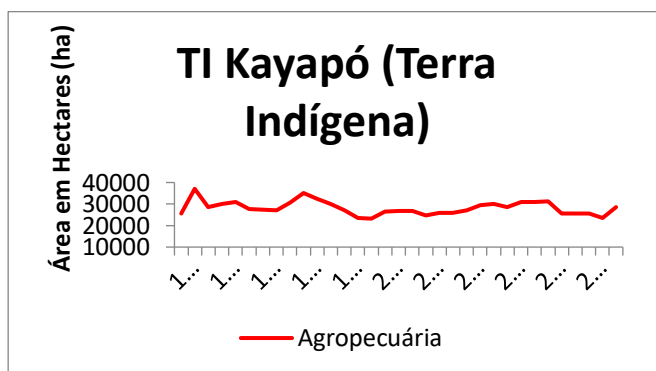
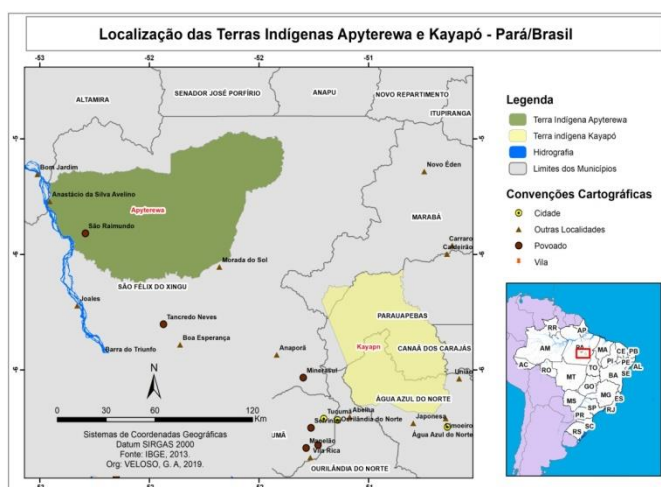


Gráfico 02: Terra indígena Kayapó

Fonte: MAPBIOMAS

No gráfico 02 podemos observar o aumento da atividade agropecuária na terra indígena, com isso, observamos que o desmatamento nessas terras vem aumentando desde 1985 e o seu maior índice foi no ano de 2011, visto que ainda é alto o número de desmatamento nesta Ti³, mesmo tendo uma recaída no ano de 2015 os números continuam elevados. A seguir, vamos abordar no mapa a localização das terras indígenas Apyterewa e Kayapó.



Mapa 01: Localização das terras indígenas Kayapó e Apyterewa

Fonte: Dados oriundos do IBGE organizados por Gabriel Veloso.

O mapa mostra a localização das terras indígenas Kayapó que fica próximo a cidade de Canaã dos Carajás-Pará e Apyterewa que fica nas proximidades da cidade de Altamira-Pa.

Fundamentação teórica

A partir desta problemática em questão, percebemos que a temática do desmatamento nem sempre é trabalhada nas salas de aula, por vezes, o pouco que os alunos sabem sobre o tema é oriundo da imprensa, o que não permite que eles saibam a fundo as suas razões e até mesmo o seu conceito. Os professores por vezes não realizam uma leitura sobre a realidade local do aluno, é preciso saber que tipo de possibilidades a realidade concede para o aluno, e a partir dela avançar nos temas da ciência geográfica, permitindo relacioná-la ao seu espaço vivido, em algumas ocasiões a escola não disponibiliza materiais para que haja uma aula diferente aos estudantes. Neste aspecto corroboramos com Cavalcanti, 2008.

Conclui-se, assim, que a tarefa da escola é a de propiciar instrumentos para a reflexão teórica, por meio dos conteúdos para que os alunos desenvolvam um pensamento geográfico, um “olhar geográfico” e, com ele, possam fazer um elo entre o que acontece no lugar – mundo vivido – em que vivem seu cotidiano – e os outros lugares do mundo – o que é possível pelo pensamento teórico, pelo pensamento conceitual (CAVALCANTI, 2008, p. 59).

Muitos alunos sabem sobre assuntos de outros lugares, países e cidades, porém, desconhecem temas sobre sua própria cidade ou lugar. Os conteúdos abordados em sala de aula nem sempre partem do lugar no qual o aluno está inserido, ignorando que, se estes compreenderem o lugar no qual atuam, serão sujeitos de suas próprias histórias. Sendo assim, Callai (2005, p.236) conclui.

Compreender o lugar que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar, e assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator\autor, uma vez que oferece condições, põem limites, cria possibilidades.

Para que o ensino de geografia possa contribuir com o senso crítico dos alunos é preciso que exista uma prática pedagógica bem fundamentada por parte do docente responsável em trabalhar com a ciência geográfica. Acreditamos que os professores devem ir além dos conteúdos, promovendo na prática os ensinamentos e aprendizagens fundamentais para o desempenho dos alunos, partindo de aulas didáticas que estimulem os alunos a refletir sobre o tema proposto. Segundo Moraes aborda que “É mister gerar um esforço de traduzir pedagogicamente as novas propostas e o novos discursos desenvolvidos pela Geografia (...) aproximar teoria e prática no plano do ensino de Geografia” (Cavalcanti, apud Moraes, 1989, p.122).

Percebemos um quadro de insatisfação com a disciplina de geografia na escola, tanto da parte dos alunos que de maneira frequente, visualizam a mesma como uma disciplina que não tem tanta importância, como por parte dos professores que muitas vezes encontram-se frustrados por não serem devidamente valorizados e acabam se acomodando – conforme apontam as nossas experiências em sala de aula. Neste sentido, Oliveira salienta que “A grande maioria dos professores da rede de ensino sabe muito bem que o ensino atual de



geografia não satisfaz nem ao aluno e nem mesmo ao professor que o ministra”. (1989, p. 137).

Com o júri simulado foi possível abordar as questões sobre o desmatamento relacionando a região e os espaços de vivências dos alunos. Com a palestra realizada em sala de aula sobre o mesmo, os alunos tinham muitas curiosidades sobre o assunto, a palestra foi bem dinâmica com um jogo de perguntas e respostas entre o professor e os alunos, na qual a maioria dos alunos fizeram suas perguntas. Ao decorrer das aulas ministradas pela professora e pelas bolsistas, era possível ver que muitos alunos conseguiam absorver conhecimento sobre o desmatamento em sua própria região, e que também tinham muitos argumentos para falar sobre o assunto depois dos métodos usados para que acontecesse essa atividade.

O senso crítico deles foi bem desenvolvido, visto que muitos alunos souberam se posicionar sobre a devastação em seu lugar. As experiências do júri simulado foram muito além do que esperávamos, as situações no decorrer dela foram grandes, contemplou os alunos do 6º e 7º ano, repercutiu bastante entre os professores de outras áreas de conhecimento, coordenação, direção e funcionários.

Metodologias potencialmente inovadoras: O caso do Júri Simulado

Observamos que em algumas aulas de geografia que foram ministradas na turma onde realizou-se o júri simulado, a ferramenta principal é o livro didático. De tal forma, com o júri simulado os alunos envolvidos puderam ter uma visão diferente do desmatamento onde saíram da sala de aula e usaram outros espaços da escola. Os ensaios prévios a realização da atividade foram realizados em três espaços: Sala de aula, sala de leitura e quadra de esportes da escola. No primeiro dia de ensaio (figura1) foi distribuído o roteiro para cada aluno indicando o seu papel e estes tiveram continuidade em outros dias, conforme apontado na figura 2. Percebemos que, ao passar dos dias, os alunos se interagiram mais ao tipo de função que cada um executaria, sendo perceptível a motivação destes com a atividade.



Figura 1e 2 : Amanda Kelly Bezerra da Silva (19 de março, 2019)



Figura 4 e 5: Luiz Mário de Arcanjo Turfbio (26 de março, 2019)



Figura 6 e 7: Luiz Mário de Arcanjo Turfbio (26 de março, 2019)



Figura 8 e 9: Luiz Mário de Arcanjo Turfbio (26 de março, 2019)

Nas fotos 4 á 9 mostra o dia da apresentação do júri simulado que ocorreu no dia 26 de março de 2019, onde falamos sobre o desmatamento para a turma do 6º ano e os alunos convidados do 7º ano, os estudantes ficaram empolgados com a realização da atividade, se



sentiram importantes por assistirem a apresentação, visto que muitos expressaram suas curiosidades e tiraram suas dúvidas, além de aprenderem um pouco mais sobre o desmatamento, pois muito dos alunos do 7º ano não tinham tamanho conhecimento sobre. Foi uma experiência onde observamos a carência de metodologias para aprimorar o ensino.

Considerações finais

A análise do júri simulado como prática pedagógica, contribuiu para uma grande e intensa reflexão sobre o desmatamento, e através dessa prática alcançamos os objetivos traçados. Observamos que podemos inovar as aulas de geografia através de práticas pedagógicas, não apenas com o júri simulado, mas, com outras atividades que atraia os olhares e atenção dos estudantes.

Com isso a atividade realizada pode induzir os alunos a fazerem pesquisa não apenas sobre o desmatamento, mas em outras áreas de conhecimentos, de modo que lhe proporcionem e desenvolvam suas habilidades e argumentos que muito será utilizada em sua vida escolar e profissional. Percebe-se que os alunos tiveram mais interesses nas aulas de geografia desde o início do júri simulado.

A ação gerou boa repercussão não apenas entre os alunos, mas também com os demais professores e a equipe gestora da escola mostrando o acerto e a potencialidade da atividade, o que assim, gerou uma grande motivação e interesse por parte de outros professores para que possam inovar suas aulas. Verificou-se que os alunos tiveram mais autonomia em participar e interagir nas aulas de geografia, exercitando o senso crítico, conhecimento e habilidades, desenvolvidas após o júri simulado.

Compreende-se que, é de suma importância observar o que a realidade propõe ao aluno, para então partir do local que ele está inserido e abordar as questões que causam o desmatamento em sua própria região de vivência. Sendo assim, através do júri simulado como método didático o qual estimulou os alunos a estudarem e compreender sobre a temática em questão, obtendo a inclusão de todos juntamente com a professora, foi possível inovar a aula de geografia sobre o desmatamento.

Concluimos que o método utilizado pode ser aplicado também em outras séries escolares, inovando as aulas, atraindo a atenção dos alunos e mostrar que os conteúdos da sala de aula podem ser compreendidos através de várias metodologias inovadoras. Deste modo, as



experiências vividas com o júri simulado foram positivas, uma vez que pode-se olhar as dificuldades e facilidades que cada aluno tem, observando de perto como os estudantes levaram esta atividade e a temática a sério.

Referências bibliográficas

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**, Campinas: v.25, n. 66, p.227-247, maio./ago., 2005.

CAVALCANTI, SILVA; RICHTER, [et al.]. **Desafios da didática de geografia: Eunice Isaias da Silva, Lucineide Mendes Pires** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2004.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**, 18ª ed.-Campinas, SP. Ed. Papyrus, 2013

Ibama encontra situações pontuais de desmatamento em terra indígena no PA e negam invasão de madeireiros. In: G1 PA. Disponível em <https://12> de abril de 2019

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013.

IMAZON- INSTITUTO DO HOMEM E MEIO E DO MEIO AMBIENTE DA AMAZÔNIA, 2018.

Xingu desmatamento explode em terras indígenas impactadas por belo monte no PA. In: ISA instituto socioambiental. Disponível em <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog>. Acesso em 12 de abril de 2019